

## O que se espera da carreira de um professor?

Anelise Fernandes Borcelli <sup>1</sup>

*“Jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para o seu próprio prazer pessoal e para proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer”. (Albert Einstein, aos estudantes de Princeton, EUA)*

O papel do professor atualmente na sociedade é de extrema importância. Com a disseminação dos programas de educação continuada, a presença do professor não se faz apenas na educação infantil, nas séries da educação básica, ou nos cursos de graduação. Vai além, nos cursos de extensão, especialização, mestrado, doutorado, etc. Desta forma o professor passa a estar presente em todas as fases do desenvolvimento cognitivo do sujeito: na infância, na adolescência, e na fase adulta. Participando ativamente do desenvolvimento intelectual do indivíduo, por meio de processos de “ensinagem” que provocam mudanças significativas no sujeito, capacitando o indivíduo adulto para inserção nessa realidade. Podemos dizer que o contato com o professor nas diferentes fases do desenvolvimento humano nos transforma nos adultos que somos. Capazes de transitar entre as diferentes situações cotidianas. Desde a tenra infância, as horas de convivência diária com o professor superam o tempo que passamos com os nossos pais. Permitindo desenvolver ao longo da nossa história uma correspondência idiossincrática com cada professor, o que transforma esta profissão em uma experiência única. E esta relação está enraizada na sociedade, tanto que em alguns casos os pais acabam transferindo a responsabilidade de todo o desenvolvimento intelectual da criança ou do jovem para o professor. Chegamos à fase adulta achando que o papel do professor é este: educar, ensinar, orientar, avaliar, disciplinar. Mas sabemos que não é só isso.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Programa de Pós-Graduação em Engenharia, mestranda em Engenharia e Tecnologia de Materiais.

Quando escolhemos a profissão de professor não estamos buscando dinheiro. Principalmente na estrutura social do Brasil. Não estamos buscando aplausos. Estamos tentando encontrar dentro de cada aluno o seu melhor. Estamos procurando habilidades escondidas que podem ser desenvolvidas e aprimoradas. Procuramos entender os limites de cada indivíduo, e proporcionar o entendimento das diferenças. Queremos que os alunos realizem interconexões, e utilizem seus conceitos prévios para ancorar novas ideias e assim desenvolver o seu próprio conhecimento. Queremos ser como àquele carismático professor de literatura do filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, que revoluciona os métodos de ensino de um colégio conservador propondo que seus alunos aprendam por si próprios.

A questão é que a maioria dos alunos de hoje não desenvolveram a capacidade de aprender por si próprios. Utilizam apenas a aprendizagem mecânica, a reprodução, e a cópia. Costumam dizer: “o que não está no *Google* não existe”. Trazendo como referência o portal *Google* de pesquisa na internet para consulta de material para os trabalhos acadêmicos. E assim como eles obtêm os resultados de suas pesquisas na internet, de forma rápida, direta, e imediata, eles esperam receber as respostas dos professores. Caso tenham que estabelecer relações, e desenvolver uma ideia nova, estes alunos desistem de entender aquele conteúdo, e dizem: “nunca vou usar isto para nada”. Parece que estamos exagerando neste ponto, mas são falas reais e comuns entre os alunos.

Entretanto, isto pode ser um reflexo do tipo de ensino empregado pela maioria das escolas de educação básica, visto que as disciplinas que poderiam em suas ementas propor o desenvolvimento de inúmeras competências intelectuais no sujeito, tais como o raciocínio lógico e matemático, e a orientação espacial, não o fazem. A Física é rica de conceitos vinculados à realidade das pessoas. Podem-se explicar diversas leis que regem o universo utilizando como exemplos situações do dia-a-dia, como: aquecer um alimento, ascender o fogo, o voo de um pássaro, um barco à vela, assistir televisão.

Contudo, o ensino de Física, desenvolvido na maioria das escolas de educação básica, tem sido desvinculado da realidade cotidiana dos alunos, priorizando a

apresentação de leis e fórmulas, desconsiderando a importância de conceitos nesta área e dos avanços tecnológicos. Assim como a máquina de ensinar de Skinner, os conteúdos de Física são transmitidos aos alunos por meio de aulas expositivas que seguem a sequência do livro didático, sem qualquer interatividade. O processo de aprendizagem é desenvolvido sem uma articulação entre o conhecimento prévio do aluno e o novo conteúdo que ele precisa assimilar, levando a uma automatização ou memorização da resolução de exercícios repetitivos utilizando fórmulas em situações artificiais e teóricas. Este ensino de Física, vazio de significados para a maioria dos alunos, não oportuniza a construção do conhecimento, pois considera a estrutura cognitiva do aprendiz uma tabula rasa.

Este quadro de desarticulação entre a realidade dos alunos e o ensino de Física, faz com que o professor desperdice uma ótima oportunidade de desenvolver um senso crítico e ético no aluno. Precisamos mudar este quadro, para que possamos fazer diferença na formação de nossos alunos proporcionando um maior entendimento do mundo que o cerca, capacitando-o para atuar de forma crítica na sociedade, imprescindível para a formação cidadã do indivíduo.

Ao mesmo tempo, estes alunos estão acostumados às exigências de provas tradicionais, nas quais são solicitados a reproduzir o conhecimento conforme foi apresentado em sala de aula, sem estabelecer relações, nem abstrações. E acabam desenvolvendo artifícios para memorizar respostas e explicações para as principais perguntas, exemplos clássicos, e, até mesmo, soluções de problemas típicos relacionados ao assunto da prova (MOREIRA, 1999). Neste contexto de aprendizagem, os alunos não apresentam uma atitude de aprender e conectar o seu conhecimento com a nova informação que pretendem absorver de forma literal. Optando, normalmente, por uma aprendizagem mecânica do conteúdo para responder as questões daquela prova específica, sem que haja interação com os conhecimentos anteriores.

O maior problema, é que esta situação não é vivenciada apenas na educação básica. É um reflexo do ensino desenvolvido na formação destes professores nos cursos de graduação de licenciatura que acabam por reproduzir a

metodologia de ensino utilizada na maioria das disciplinas das áreas de ciências exatas. O papel do professor hoje é orientar o processo de aprendizagem admitindo que este processo possa ocorrer a partir de circunstâncias fortuitas, como assistindo a um determinado filme, documentário, comercial; a leitura de um livro, uma revista, um jornal; a conversa com um amigo, um familiar. Ou que possa ocorrer como consequência de um curso, de uma aula, da realização de um trabalho escolar. A aprendizagem pode se dar a partir de situações totalmente informais e cotidianas, ou pode ser o resultado de uma ação planejada e intencional como a de sala de aula (La ROSA, 2003).

Observamos ao longo da nossa formação acadêmica, diversos professores que contribuíram para o desenvolvimento de habilidades e competências específicas em seus alunos. A responsabilidade do professor é muito grande, pois as palavras deixam a sua marca. Quais tipos de lembranças nós queremos deixar para os nossos alunos por toda a vida? Seremos lembrados como heróis ou anti-heróis de suas histórias? Sabemos como fazer isto? Desconhecemos o quão longe pode chegar a nossa palavra e o significado dela para o aluno. Um professor me disse certa vez que ensinamos em sala de aula muito do que conhecemos, mas muito mais do que somos. O ambiente da sala de aula é impregnado de intencionalidade pedagógica, mas muitas vezes vazio de significado para o aluno. Como podemos fazer para igualar esta equação.

## **Referências**

LA ROSA, Jorge (Org.). **Psicologia e educação: o significado do aprender**. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.